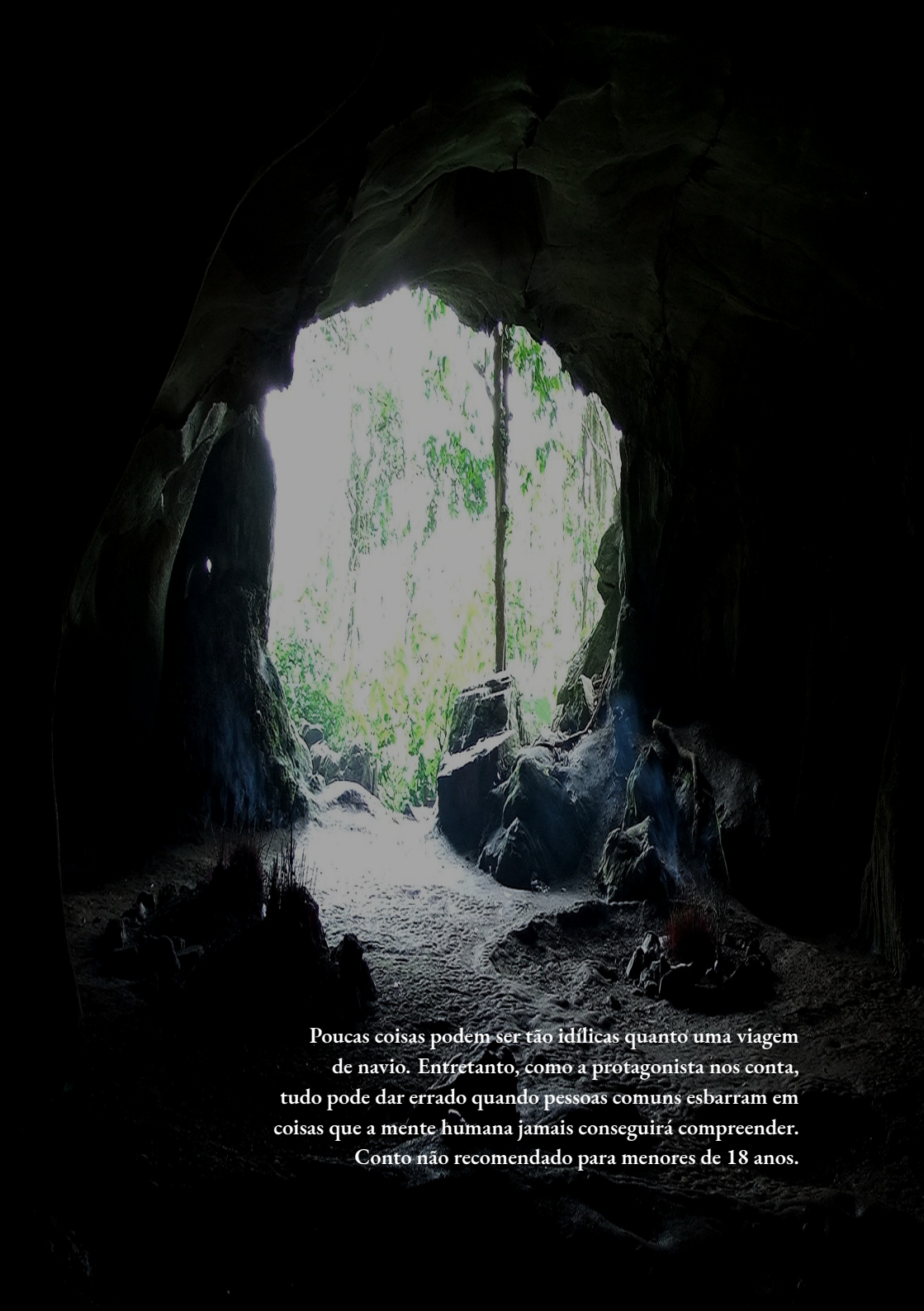


# O MONOLITO FÁLICO

UM CONTO DE HORROR CÓSMICO

LU CAVALHEIRO

2022



Poucas coisas podem ser tão idílicas quanto uma viagem de navio. Entretanto, como a protagonista nos conta, tudo pode dar errado quando pessoas comuns esbarram em coisas que a mente humana jamais conseguirá compreender.

Conto não recomendado para menores de 18 anos.

# O MONOLITO FÁLICO

UM CONTO DE HORROR CÓSMICO

Texto © 2017, 2022 Lu Cavaleiro

Texto licenciado sob Licença Creative Commons Atribuição-CompartilhaIgual  
CC-BY-SA 4.0 Internacional



# DADOS DA PUBLICAÇÃO

Autoria e diagramação: Lu Cavalheiro

Revisão da publicação original: Sandra Garcia Cortés

Artes:

- Capa: Ronnie Robertson, "The 'darker' side of Horse Holm" ([https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Dark\\_Island\\_IMG\\_7638\\_\(13545105735\).jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Dark_Island_IMG_7638_(13545105735).jpg))
- Quarta capa: Khoitran1957, "Tiếng Việt: Động người xưa" ([https://commons.wikimedia.org/wiki/File:%C4%90%E1%BB%99ng\\_N%C6%B0%E1%BB%9Di\\_X%C6%B0a.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:%C4%90%E1%BB%99ng_N%C6%B0%E1%BB%9Di_X%C6%B0a.jpg))

Licença: Creative Commons Atribuição-CompartilhaIgual 4.0 Internacional ([https://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/deed.pt\\_BR](https://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/deed.pt_BR))

Ano de publicação: 2022

---

O **MONOLITO FÁLICO: UM CONTO DE HORROR CÓSMICO** foi publicado originalmente na coletânea *Linha Tênu: contos sobrenaturais de suspense e terror*, organizada por Alfer Medeiros e publicada pela *Andross Editora* em 2017. Na coletânea, fui creditada usando meu nome civil, *Luís Fernando Carvalho Cavalheiro*.

ISBN-13 da coletânea *Linha Tênu: contos sobrenaturais de suspense e terror*: 978-85-5461-006-7.

Este conto é uma narrativa ficcional que utiliza elementos de horror sobrenatural e cósmico para contar uma história sobre como uma idílica viagem de navio terminou de um modo bastante desagradável. A protagonista narra como eles se depararam com aquilo que a mente humana não é capaz de compreender e como isso afetou a vida dela até o final. Todos os fatos descritos no conto são puramente ficcionais e quaisquer semelhanças com a realidade são meras coincidências.

**Conto não recomendado para menores de 18 anos, por retratar violência, violência sexual, mutilação e horror sobrenatural.**

---

## MEUS CONTATOS

- **Bazar Verde**: <https://www.bazarverde.com.br/Lu%20Cavalheiro>
- **E-mail**: [lu.cicerone.cavalheiro@gmail.com](mailto:lu.cicerone.cavalheiro@gmail.com)
- **Facebook**: <https://www.facebook.com/lu.cicerone.cavalheiro>
- **Instagram**: <https://www.instagram.com/lu.cicerone.cavalheiro/>
- **Itch.io**: <https://lucavalheiro.itch.io>
- **Loja Kindle**: [https://www.amazon.com.br/s?k=%22Lu+Cavalheiro%22&i=digital-text&\\_\\_mk\\_pt\\_BR=%C3%85M%C3%85%C5BD%C3%95%C3%91&crd=1MOZZGOF3VCP&srefix=lu+cavalheiro+%2Cdigital-text%2C171&ref=nb\\_sb\\_nos](https://www.amazon.com.br/s?k=%22Lu+Cavalheiro%22&i=digital-text&__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5BD%C3%95%C3%91&crd=1MOZZGOF3VCP&srefix=lu+cavalheiro+%2Cdigital-text%2C171&ref=nb_sb_nos)
- **Twitter**: <https://twitter.com/luRPGcavalheiro>

---

O conto **O MONOLITO FÁLICO** foi escrito usando o editor de textos *VIM – Vi Improved*, versão 8.2, disponível nos repositórios oficiais do **Debian Bullseye** (<https://www.debian.org/>), diagramado usando  $\text{\LaTeX}$  e compilado usando o comando `lualatex`, versão 1.12.0, disponível nos repositórios oficiais do **Debian Bullseye** (<https://www.debian.org/>).

As fontes utilizadas foram a *EBGaramond* e *LiberationMono*, ambas disponíveis sob *SIL Open Font Licence*, cujo texto pode ser lido em <http://scripts.sil.org/OFL>.

# O MONOLITO FÁLICO

---

Nunca me esquecerei da fatídica lua de mel em uma ilha remota no Pacífico Sul, tampouco creio que essas memórias saiam do quarto em que estou agora. Não importa mais. Preciso pôr as imagens para fora.

Decidimos fazer um cruzeiro romântico, uma dádiva de minhas condições outrora abastadas. Saímos de Valparaíso com tempo bom e sem previsão de tempestades, o que animou meu marido a comprar algumas garrafas extras de vinho. Navegamos por alguns dias sem nenhum evento extraordinário além da aparição de alguns golfinhos.

Certo dia, acho que o quinto, avistamos uma ilha no horizonte, e nosso capitão disse que ela não constava nos mapas. O chamado do desconhecido apossou-se de todos, e decidimos interromper a viagem para realizar uma descoberta ímpar. Conforme nos aproximávamos, notei que a água parecia mais escura e havia um cheiro ruim ao redor da ilha, mas imaginei que pudesse ser por conta de algum vulcanismo no leito do mar ter lançado substâncias tóxicas para a superfície.

Assim que pusemos os pés na ilha, fomos tomados pela sensação de algo errado. A areia da praia era negra e lamacenta, bem como toda a superfície extremamente acidentada da ilha. O cheiro ruim parecia vir de uma trilha tortuosa que cortava as colinas escuras. Porém, não sentimos medo ou repulsa, como seria esperado, mas coragem e curiosidade, e sem proferir uma única palavra decidimos todos desbravar o caminho à frente.

Após uma subida íngreme, chegamos à boca de uma caverna, e nossos narizes afirmaram imediatamente que ela era a fonte do mau cheiro. O capitão improvisou uma tocha com capim, um galho e sua camisa, e invadimos a cavidade fétida, olhos atentos em todas as sombras que a luz conjurava nas paredes. Havia uma passagem estreita e irregular, pela qual descemos por um bom par de horas, e tive a impressão de que em dado momento

já estávamos abaixo do nível do mar. Quanto mais descíamos, pior o cheiro se tornava, e por mais de uma vez todos nós paramos para vomitar.

Ao final da descida, vimo-nos em um salão natural amplo e revestido por algum tipo de limo verde, fosco e absorvedor de luz, pois a tocha não clareava mais que uns poucos metros à nossa frente. O chão era úmido, pastoso e com a textura e consistência de uma mucosa úmida. Havia coisas jogadas pelo chão, mas a luz era fraca demais para discerni-las. Nosso capitão, após tatear pelas paredes e ficar com a mão coberta de limo, achou alguns archotes nas paredes e os acendeu.

Imediatamente soubemos que havia algo errado com aquele salão. Os archotes lançaram uma luz verde e maligna sobre todos, revelando pictogramas obviamente ofensivos e antiquíssimos gravados na parede. Vimos que não era limo, mas uma substância similar a catarro que revestia as paredes, e que o chão parecia uma imensa língua humana ou um emaranhado de intestinos. As coisas que vimos eram esqueletos humanoides, mas certamente não eram esqueletos humanos. E no centro do salão havia um monolito gigantesco esculpido em pedra-sabão no formato de um pênis ereto.

O capitão e meu marido entreolharam-se horrorizados, mas algo no monolito me prendeu a atenção. Havia runas estranhas nele, e por algum acaso elas me eram legíveis. Aproximei-me do monolito, os olhos vidrados e fascinados pelo falo gigante, e com a mão tirei o catarro de cima de algumas runas para lê-las melhor. Inspirei o ar fétido da sala como se fosse a brisa da primavera e entoei a plenos pulmões o que lia nas runas. Era uma língua estranha, como eu nunca vira antes.

Tão logo terminei de entoar as palavras, meu marido caiu de cara naquele chão horrendo e começou a se contorcer. O capitão se afastou dele como se estivesse diante da pior das pragas, enquanto eu sorria satisfeita – sem saber o porquê. Impelida por alguma força externa a mim, caminhei em direção a ele, rasguei suas roupas, introduzi meu punho fechado em seu interior e repeti o que havia lido. Eu não tinha controle sobre meus atos, apenas me assistia impotente enquanto cometia essas atrocidades.

Quando repeti aquela frase maldita e retirei o punho de dentro de meu marido, ele começou a se contorcer ainda mais violentamente. Um icor fétido, impuro, igual ao muco espalhado pelas paredes do salão, começou a jorrar dos orifícios corporais dele, e o seu ventre começou pulsar como se golpeado de dentro para fora. Ele berrava em dor e agonia, e ante a visão macabra o capitão havia se encolhido em posição fetal e balbuciava incoerentemente.

Olhei para ambos e disse: *Está feito!*, e, meu Deus, como eu sabia que isso estava errado! O ventre de meu marido explodiu em sangue e entranhas, e uma massa de tentáculos, patas, garras e outros apêndices corporais emaranhados emergiu de seu corpo, agora morto, e rastejou em direção ao capitão. A coisa era tão comprida quanto uma naja e tão grossa quanto a pata de um elefante. Ela virou uma de suas extremidades para mim, e eu sabia que ela aguardava minha permissão para devorar o capitão. Acenei, e a coisa rastejou como um corisco sobre o capitão, dissolvendo-o com o mesmo icor nefando que havia sido expelido pelo corpo de meu marido. Depois de digerir o capitão, a coisa rastejou para cima do monolito e foi absorvida pelo falo gigante.

Dali em diante, lembro-me de muito pouco. Corri para fora da caverna, gritando nomes indizíveis e gargalhando incoerentemente. Entrei no iate e, por algum milagre, o pus a navegar. Fui resgatado no litoral da Nova Zelândia, semilouca por conta da fome e da sede extremas. Algumas pessoas tentaram falar comigo, e contei a elas meu fado entre gritos histéricos e nomes incompreensíveis. Aos poucos percebi que elas não me entendiam mais, como se eu falasse apenas na mesma linguagem das runas no monolito fálico. Foi quando me colocaram neste quarto acolchoado.

Não me importa mais onde estou ou quem eu sou. Essa é minha história, escrita usando sangue como tinta e as paredes acolchoadas como papel. Conforme a vida, amaldiçoada seja, me abandona, ouço apenas uma voz sádica ecoando em minha mente: *Ph'nglui mglw'nafh Cthulhu R'lyeh wgah'nagl fhtagn!*

